

# 1

Saltando para um comboio de mercadorias vindo de Los Angeles, no começo da tarde de um dia de finais de Setembro de 1955, meti-me num vagão aberto e deitei-me com o meu saco de campismo debaixo da cabeça e as pernas cruzadas e contemplei as nuvens enquanto rodávamos para norte em direcção a Santa Bárbara. Era um regional e eu tencionava dormir na praia de Santa Bárbara nessa noite e apanhar outro regional para San Luis Obispo na manhã seguinte ou então o expresso de mercadorias de primeira classe directo para São Francisco às sete da tarde. Algures nas imediações de Camarillo onde Charlie Parker estivera louco e repousara até se restabelecer, um vagabundo velhote, magro e baixo, subiu para o meu vagão quando metíamos por uma linha desviada para darmos prioridade a outro comboio e pareceu espantado por me encontrar ali. Instalou-se no outro extremo do vagão e deitou-se voltado para mim com a cabeça sobre a mísera trouxa dos seus próprios pertences e não disse nada. Instantes depois soaram o apito de partida após o comboio para leste ter passado vertiginosamente na linha principal e arrancámos com o ar a arrefecer e a névoa soprando do mar sobre os mornos vales do litoral. Após tentativas fracassadas de nos acomodarmos enroscados no aço frio, tanto eu como o pequeno

vagabundo nos levantámos e começámos a andar para trás e para a frente e pulámos e agitámos os braços cada um no seu canto do vagão. Em breve nos dirigimos para outra linha desviada numa pequena cidade à beira do caminho de ferro e eu achei que precisava de uma zurrapa de vinho de Tokay<sup>1</sup> para chegar ao fim do troço frio e crepuscular até Santa Bárbara.

— Podes olhar pelo meu saco de campismo enquanto eu vou a correr até ali buscar uma garrafa de vinho?

— Com certeza.

Saltei para terra e atravessei a Estrada Nacional 101 até à loja e comprei, além de vinho, um pouco de pão e doces. Voltei a correr para o meu comboio de mercadorias que ainda teria de aguardar mais um quarto de hora naquele cenário agora quente e soalheiro. Mas a tarde chegava ao fim e não tardaria a esfriar. O pequeno vagabundo estava sentado de pernas cruzadas no seu canto diante do lamentável repasto de uma lata de sardinhas. Apiedei-me dele e cheguei-me ao pé, dizendo:

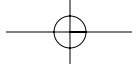
— Que tal uma pinga de vinho para te aqueceres? Talvez te apeteça um pouco de pão e queijo com as tuas sardinhas.

— Com certeza.

Tinha uma voz muito distante vinda do fundo de humildes cordas vocais, por receio ou desinteresse em se afirmar. Eu comprara o queijo há três dias na cidade do México antes da comprida e barata viagem de camioneta através de Zacatecas e Durango e Chihuahua, duas mil longas milhas até à fronteira em El Paso. Ele comeu o queijo e o pão e bebeu o vinho com apetite e gratidão. Fiquei contente. Lembrei-me do versículo do Sutra de Diamante<sup>2</sup> que diz: «Pratica a caridade sem teres em mente qualquer concepção de caridade, porque

<sup>1</sup> Trata-se de um vinho de mesa californiano, a preço módico. (N. T.)

<sup>2</sup> Os *sutras* são discursos do Buda, coligidos no *Sutra-pitaka*, ou «cesto dos ensinamentos», que constitui a segunda parte do cânone budista (*Tripitaka*). O diamante (*Vajra*) simboliza aquilo que está para além do nascimento e da morte e, por isso, é indestrutível. (N. T.)



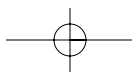
afinal a caridade é só uma palavra.» Era muito devoto nesses dias e cumpria as minhas devoções religiosas quase na perfeição. Desde então tornei-me algo hipócrita no tocante à minha piedade histriónica e um bocado cansado e cínico. Porque agora me tornei tão velho e neutro... Mas nesses tempos acreditava sinceramente na realidade da caridade e da bondade e da humildade e do zelo religioso e da tranquilidade neutra e da sabedoria e do êxtase e estava convencido de que era um antigo *bhikku*<sup>3</sup> em modernas roupagens calcorreando o mundo (normalmente o imenso arco triangular de Nova Iorque à cidade do México e a São Francisco) a fim de fazer girar a roda do Verdadeiro Significado, ou Dharma<sup>4</sup>, e granjear o mérito de um futuro Buda (O Desperto) e de um futuro Herói no Paraíso. Ainda não conhecera Japhy Ryder, havia de encontrá-lo na semana seguinte, nem tão-pouco ouvira falar sobre os «Vagabundos do Dharma» embora nesta altura fosse eu próprio um perfeito Vagabundo do Dharma e me considerasse um peregrino religioso. O pequeno vagabundo no vagon aberto consolidava todas as minhas convicções, descontraindo-se com o vinho e conversando, e por fim desencantou um pedaço de papel que continha uma oração de Santa Teresa anunciando que após a sua morte ela havia de voltar à terra, cobrindo-a de rosas celestes, para todo o sempre e em benefício de todas as criaturas vivas.

— Onde é que arranjaste isso? — perguntei-lhe.

— Oh, recortei-a de uma revista de uma sala de leitura em Los Angeles há uns anos atrás. Trago-a sempre comigo.

<sup>3</sup> Um *bhikku* (termo *pali* que significa «mendigo») é um monge mendicante plenamente ordenado na tradição budista. As suas principais actividades consistem em meditar e em apresentar a doutrina de Buda (o Dharma). Actualmente, é comum a transcrição *bhiksu*, mas optou-se aqui, como noutros casos, por manter a transcrição do original. (N. T.)

<sup>4</sup> O Dharma é a doutrina de Buda, remetendo para a qualidade ou carácter essencial, seja da natureza do cosmos ou do indivíduo. (N. T.)



- E viajas clandestinamente nos vagões a ler isto?
- Quase todos os dias.

Não falou muito mais do que isto, não entrou em pormenores acerca do assunto da Santa Teresa e parecia deveras modesto acerca da sua religião e não me contou grande coisa sobre a sua vida privada. É o tipo de pequeno vagabundo, calado e magricela, a que ninguém presta sequer muita atenção no Skid Row<sup>5</sup>, quanto mais na avenida principal da cidade. Se um chui o empurrasse dali para fora, ele obedeceria, desaparecendo, e se os seguranças dos caminhos de ferro andassem pelos parques de material junto às estações das grandes cidades a vigiar a partida de um comboio de mercadorias, o mais certo era nunca se aperceberem daquele homenzinho escondido nas ervas e saltando clandestinamente nas sombras. Quando lhe disse que na noite seguinte fazia tentões de apanhar o Zipper, o expresso de mercadorias de primeira classe, ele respondeu:

- Ah, queres dizer o Fantasma da Meia-Noite.
- É isso que chamas ao Zipper?
- Deves ter andado a trabalhar no caminho de ferro.
- Pois estive, fui guarda-freios da Southern Pacific.
- Bem, nós os vagabundos chamamos-lhe o Fantasma da Meia-Noite porque o apanhas em Los Angeles e ninguém te vê até chegares a São Francisco de manhã, tão depressa anda.
- Cento e trinta quilómetros por hora nas linhas rectas, pá.
- Pois sim, mas apanhas um frio de rachar à noite a voar por essa costa a norte de Gavioty e seguindo para os lados de Surf.
- Pois, Surf, tens razão, e depois as montanhas a sul de Margarita.

<sup>5</sup> *Skid Row* é um termo genérico para designar os bairros mal afamados nos Estados Unidos, isto é, as zonas das tabernas e bares de alterne, frequentadas por vadios e alcoólicos. (N. T.)

— Margarity, pois é, mas acho que já perdi o conto às vezes que andei nesse Comboio da Meia-Noite.

— Há quantos anos é que não vais a casa?

— Demasiados anos para me dar ao trabalho de os contar, acho eu. Eu era de Ohio.

Mas o comboio arrancou, o vento pôs-se outra vez frio, voltou a neblina, e passámos a seguinte hora e meia a empregar todas as nossas forças e a nossa força de vontade para não congelarmos nem batermos demasiado os dentes como castanholas. Eu aninhava-me e meditava no calor, o verdadeiro calor de Deus, para combater o frio; depois levantava-me de um pulo, agitando os braços e esperneando e cantando. Mas o pequeno vagabundo tinha mais paciência do que eu e limitou-se a ficar ali deitado a maior parte do tempo, ruminando os seus pensamentos desamparados com dentes cerrados. Eu tiritava de frio com os lábios roxos. Ao anoitecer avistámos com alívio os contornos das montanhas familiares de Santa Bárbara e dali a pouco estáríamos parados e reconfortados na noite quente e estrelada junto às linhas férreas.

Despedi-me do pequeno vagabundo de Santa Teresa na passagem de nível onde nos apeámos e fui dormir nessa noite na areia enrolado nos meus cobertores, lá muito ao longe na praia no sopé de um penhasco onde os polícias não me podiam ver e mandar-me embora. Grelhei cachorros quentes em espetos afiados e acabados de cortar sobre as centelhas de uma grande fogueira de lenha e aqueci uma lata de feijões e uma lata de macarrão com queijo nas achas rubras, e bebi o meu vinho recém-comprado, exultante numa das noites mais agradáveis da minha vida. Chapinhei na água, mergulhando de vez em quando, e pus-me a olhar para o céu nocturno esplendoroso, o universo das dez maravilhas de Avalokiteshvara<sup>6</sup>, de breu e diamantes.

<sup>6</sup> Referência ao *bodhisattva* da compaixão, um dos mais importantes do Budismo *mahayana*. Em japonês diz-se Kwannon. (N. T.)